



EDITORIAL

Retornar à Fenomenologia de Edmund Husserl, transcorridos cem anos desde suas primorosas publicações que não apenas marcaram o início de um intrincado movimento filosófico, mas também influenciaram distintas eras de investigação como uma fonte inspiradora inigualável – como destaca Herbert Spiegelberg¹ –, pode à primeira vista ser interpretado como uma empresa de natureza meramente histórica. Tal abordagem sugere a premissa de que a Fenomenologia, enquanto teoria, está efetivamente encerrada em seu *corpus*, conferindo assim espaço apenas para interpretações ou reinterpretações. No entanto, é um equívoco investigativo supor que a Fenomenologia oferece contribuições limitadas às indagações contemporâneas e, por extensão, às práticas filosóficas e científicas atuais. Nesse contexto, a proposta husserliana revela uma abordagem epistemológica dinâmica, contrastando com o realismo, idealismo ou neokantismo.

A essência de uma questão epistemológica singular reside na riqueza da proposta das “Investigações Lógicas”, ou seja, a “doutrina dos julgamentos (predicação)”². A proximidade entre linguagem e ato de consciência subjaz a uma dissolução do conhecimento fenomenologicamente enraizado³, revelando uma distinção entre a ciência positiva fatural e uma ciência eidética que fundamenta sua racionalização apriorística. Essa distinção demanda uma superação radical da naturalidade⁴, que resolve um paradoxo ao preservar o intento objetivo do saber. Não se trata apenas de pensar o humano como uma subjetividade humanizada, mas como uma vida subjetiva que confere sentido e validade ao mundo compartilhado empaticamente com outros egos (*Ich*), rompendo com o solipsismo. Em última análise, trata-se de alcançar o patamar superior da subjetividade transcendental, exigindo um constante “aprender a conhecer” (*Ken-nenlernen*). Este é um impulso crítico que aspira a transcender a Subjetividade Moderna e suas respostas metafísicas, naturalistas ou representacionais. Em resumo, praticar fenomenologia é adotar uma postura crítica diante da história do conhecimento, pois, por princípio, é um campo inesgotável, tornando a Fenomenologia uma área de investigação intrinsecamente inesgotável e, convém destacar, ainda inexplorado.

Na via do desenvolvimento deste objetivo, a presente edição conta com a colaboração de diversos nomes do campo das investigações fenomenológicas de língua lusófona, ampliando, nos mais diversos eixos, as análises da Fenomenologia a partir de Edmund Husserl. Para além das investigações, o número torna público mais uma tradução direta de Husserl, como também, o convite à leitura da recém lançada tradução de Psicologia Fenomenológica.

Desejamos a todos uma excelente leitura, e compartilhamos com todos os leitores da PHS nossa felicidade por manter vivo o nosso projeto que visa contribuir para uma cientificidade rigorosa, democrática e acessível a todos.

Yuri Ferrete
(Editor Associado)
Adriano Furtado Holanda
(Editor Chefe)

1 Spiegelberg, H. (1960). *The Phenomenological Movement. A Historical Introduction (Vol. 1)*. The Hague: Martinus Nijhoff / Springer.

2 Bernet, R., Kern, X. & Marbach, Y. (1993). *An Introductory to Husserlian Phenomenology*, USA, Northwestern University Press. p. 167.

3 Hua III, 1950, p. 357; Hua VI, 1952, p. 138-139.

4 *Überwindung der Natürlichkeit*, Hua XXXIV, 2002, p. 446.